



# COMUNIDADE DE PEQUENOS MAMÍFEROS TERRESTRES NA ENCOSTA DA SERRA GERAL, SANTA MARIA, RIO GRANDE DO SUL

Daniela Oliveira de Lima<sup>1</sup>; Bethânia Oliveira Azambuja<sup>2</sup>; Vagner Luís Camilotti<sup>2</sup>; Nilton Carlos

Cáceres<sup>3</sup>

1 - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-graduação em Ecologia; 2 - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pós-graduação em Ecologia; Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Ecologia

## INTRODUÇÃO

Os pequenos mamíferos terrestres possuem grande importância ecológica, pois constituem um dos principais recursos alimentares da maioria das espécies predadoras, participam do processo de dispersão e predação de sementes e controlam as populações das espécies de invertebrados, em especial insetos, das quais se alimentam. O Rio Grande do Sul situa-se em uma área geográfica de contato entre várias províncias biogeográficas (província Atlântica, Paranaense, del Espinal, Chaquenha e Pampeana) (Waechter, 2002). A região de estudo, encosta da Serra Geral, pode receber influência, em sua composição faunística, de todas estas vertentes, sendo uma região de grande interesse com relação a sua biodiversidade. Estudos com comunidade de pequenos mamíferos no Brasil têm sido conduzidos principalmente nos biomas mais ao norte (Cerrado, Amazônia e Floresta Atlântica) (Talamoni & Dias, 1999). Sendo a região da encosta da Serra Geral, muito pouca explorada nestes estudos.

## OBJETIVOS

Esse estudo tem por objetivo descrever a comunidade de pequenos mamíferos existente em uma floresta estacional de encosta, município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Foram estabelecidas duas grades de armadilhas que foram amostradas trimestralmente por um período de sete noites consecutivas, totalizando um período de 14 noites por estação climática. Em cada grade foram utilizadas 30 armadilhas de queda (baldes de 20 e 30 litros com direcionadores de lona plástica, dispostos de forma reta, tendo o balde no centro, com cada ramo tendo 3 m) e 40 armadilhas de metal do tipo Young. Com um esforço amostral total de 3920 armadilhas-noite. O uso de armadilhas de queda possibilita a captura de espécies

raramente capturadas com armadilhas convencionais, tais como algumas espécies fossoriais, sendo a combinação dos dois métodos a melhor forma de amostragem para estudos com comunidades (Williams & Braun, 1983). Os animais foram identificados, marcados, medidos e tiveram sua condição reprodutiva avaliada com posterior soltura.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram capturados 141 indivíduos pertencentes a seis espécies de roedores e uma de marsupial. Destas sete espécies *Akodon montensis* foi significativamente mais abundante ( $\chi^2=315,7$ ;  $p<0,01$ ), com 91 capturas, seguido de *Oligorizomys nigripes* (N=27), *Oryzomys angouya* (N=12), *Thaptomys nigrita* (N=6), *Mus musculus* (N=2), *Didelphis albiventris* (N=2) e *Juliomys* sp. (N=1). O sucesso de captura total foi de 3,6%, sendo que em armadilhas de queda o sucesso de captura foi de 4,05% (N=68) e nas armadilhas Young de 3,26% (N=73) -  $\chi^2=1,6$ ;  $p=0,20$ . Armadilhas de queda foram significativamente mais eficientes para *Oligorizomys nigripes* ( $\chi^2=13,08$ ;  $p<0,01^*$ ) e para *Thaptomys nigrita* ( $\chi^2=5,89$   $p<0,05^*$ ). Não houve variação significativa na abundância entre as diferentes estações do ano ( $\chi^2=1,6$ ;  $p<0,20$ ), assim como nenhuma espécie apresentou período de reprodução definido.

## CONCLUSÃO

As espécies capturadas são comuns ao longo da Mata Atlântica, demonstrando uma maior influência dessa província biogeográfica na fauna de pequenos mamíferos florestais da região central do Estado. Capturas com armadilhas convencionais aliadas às de queda se mostraram eficientes para amostragem, principalmente para *O. nigripes*, e *T. nigrita*. A dominância de *A. montensis*, espécie aparentemente mais generalista em habitats e adaptada a ambientes modificados, demonstra certo grau de antropização da área de estudo. Apesar

dos sinais de antropização da área, grande dominância de *A. montensis* e presença de espécie exótica (*Mus musculus*), a existência de diversas espécies de pequenos mamíferos florestais nativas, inclusive uma espécie ainda não descrita (*Juliomys* sp.), fazem do local uma importante área para a conservação biológica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**WAECHTER, J.L., 2002.** Padrões geográficos na flora atual do Rio Grande do Sul. *Ciência e Ambiente*. 24, p. 93-108.

**TALAMONI, S. A. & DIAS, M. M., 1999.** Population and Community Ecology of Small Mammals in Southeastern Brazil. *Mammalia*. 63 (2), p. 167-181.

**WILLIAMS, D. F. & BRAUN, S. E., 1983.** Comparison of Pitfall and Conventional Traps for Sampling Small Mammal Populations. *Journal of Wildlife Manage.* 47 (3), p. 841-845.